

Domingo III do Tempo da Quaresma – Ano A – 08.03.2026



Uma fonte de água que jorra para a vida eterna – João 4,5-42

Viver a Palavra

Na nossa caminhada quaresmal rumo à Páscoa do Senhor somos convidados a sentarmo-nos com Jesus à beira do poço. Passamos os nossos dias a correr entre os múltiplos afazeres do nosso quotidiano e às vezes parece tão escasso o tempo para serenar e descansar. Neste frenesim quotidiano marcado pelas rotinas, pela sucessão de tarefas a realizar e horários a cumprir, irrompe Jesus, o enviado do Pai, o Deus das surpresas que enche e preenche de novidade os nossos dias. O tempo da Quaresma é o tempo favorável e especialíssimo para abrir o nosso coração ao Deus que nos visita e surpreende sempre com o Seu amor e o Seu perdão. Por isso, se o tempo da Quaresma é tempo de penitência e conversão, é também «tempo para cantar a alegria do perdão» (Ir. Roger). A experiência da penitência e da conversão abre a nossa vida à alegria da vida reencontrada, à experiência feliz da transformação do coração.

«Jesus, cansado da caminhada, sentou-Se à beira do poço». Esta poderia ser apenas uma indicação cénica para situar Jesus no contexto desta passagem evangélica. Contudo, as ações de Jesus devem ser sempre lidas em chave teológica, mesmo quando parecem ser apenas subsidiárias da narrativa. Na Sagrada Escritura, a ação de sentar apresenta diferentes significados: a ação de ensinar na relação mestre/discípulo (Mt 5,1), a evocação da majestade de Deus (Dn 7,9) ou a referência escatológica do Filho do Homem na sua glória (Mt 25,31). Contudo, aqui Jesus senta-se cansado e pede água à Samaritana. No evangelho estão bem identificados aqueles que se sentam para pedir: são os mendigos. Mendigos como aqueles que estão sentados à beira da estrada, na saída de Jericó, que ao ouvirem que Jesus está a passar começam a gritar (Mt 20,30-31) ou então Bartimeu, um mendigo cego, sentado na beira do caminho (Mc 10,46).

Jesus, cansado do caminho, senta-se à beira do poço e pede de beber à samaritana. Este pedido como que antecipa aquele grito da Cruz: «tenho sede». Misterioso Senhor que, para dar, pede! Jesus apresenta-se como mendigo do homem, com uma sede de salvação que nos desconcerta. Assim nos recorda Simon Weil quando afirma: «Deus espera como um mendigo, imóvel e silencioso, diante de qualquer um que lhe estenda um bocado de pão. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor».

Jesus tem sede. Sede da água que dessedenta os que caminham nas estradas poeirentas, mas também sede de salvação. Sede de tocar as nossas sedes, de contactar com os nossos desertos e as nossas feridas. Ele quer salvar cada homem e cada mulher e, independentemente da sua vida de pecado ou do seu errado caminho, Ele quer oferecer uma oportunidade nova de vida plena e cheia de sentido.

Jesus encontra-se com a Samaritana ao meio-dia, precisamente a mesma hora em que Jesus é apresentado por Pilatos à multidão (Jo 19,13-14). Como afirma o Cardeal Tolentino de Mendonça: «só compreenderemos verdadeiramente o diálogo entre Jesus com a Samaritana se tivermos diante dos olhos o dom sem limites que Jesus faz de si na cruz». Na verdade, o meio-dia é a hora central do dia, o ponto que determina a passagem de uma parte para outra da jornada. O meio do tempo assinala um antes e um depois, o meio do caminho e a encruzilhada da vida.

O encontro com Jesus marca assim um rumo novo na nossa história, pois sempre que abrimos o nosso coração ao verdadeiro encontro com Jesus é «meio-dia», é hora decisiva para avançar com um alento renovado e uma vontade nova de fazer da nossa vida doação. *in Voz Portuguesa*.

+++++

O **III Domingo da Quaresma é Dia Nacional da Cáritas**, por isso, a semana que antecede este dia é Semana Nacional Cáritas e multiplicam-se, em vários lugares, atividades de reflexão sobre a ação social, atividades de animação pastoral e também iniciativas de angariação de fundos. Está previsto que o ofertório das missas deste Domingo em todas as dioceses de Portugal reverta para este fim. A Cáritas em Portugal quer ser testemunho da fraternidade da comunidade cristã para com os mais pobres a partir da Ação Social da Igreja construtora de uma sociedade solidária e participativa, onde prevaleça a justiça, a paz, a liberdade e a solidariedade ao serviço da dignidade humana.

+++++

Estamos no Ano Litúrgico – Ano A – onde seremos acompanhados pelo evangelista Mateus. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do Ano Litúrgico pôde ser acompanhado como uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2025/2026 - acompanhamos o evangelista Mateus** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura. ~

LEITURA I – Êxodo 17,3-7

**Naqueles dias,
o povo israelita, atormentado pela sede,
começou a alterar com Moisés, dizendo:
«Porque nos tiraste do Egipto?
Para nos deixares morrer à sede,
a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?»
Então Moisés clamou ao Senhor, dizendo:
«Que hei de fazer a este povo?
Pouco falta para me apedrejarem».
O Senhor respondeu a Moisés:
«Passa para a frente do povo
e leva contigo alguns anciãos de Israel.
Toma na mão a vara com que fustigaste o rio
e põe-te a caminho.
Eu estarei diante de ti, sobre o rochedo, no monte Horeb.
Baterás no rochedo e dele sairá água;
então o povo poderá beber».
Moisés assim fez à vista dos anciãos de Israel.
E chamou àquele lugar Massa e Meriba,
por causa da alteração dos filhos de Israel
e por terem tentado o Senhor, ao dizerem:
«O Senhor está ou não no meio de nós?»**

CONTEXTO

Um dos grandes temas do livro do Êxodo é a marcha pelo deserto dos hebreus libertados por Javé da escravidão do Egito. A secção de Ex 15,22-18,27 refere as vicissitudes da primeira etapa dessa marcha: a que vai desde a passagem do mar até à chegada do povo diante da montanha do Sinai.

Nesta primeira fase do caminho do deserto, está bem presente a imaturidade daquele grupo de homens e mulheres que ainda funcionam com mentalidade de escravos e ainda não assumiram o risco da liberdade. As

dificuldades do caminho desorganizam-nos e incomodam-nos; e eles, perante as contrariedades, não se coíbem de criticar Moisés e de murmurar contra Deus (cf. Ex 15,22-27; 16,1-21; 17,1-7). O esquema é sempre o mesmo: diante das dificuldades que encontra no caminho, o Povo murmura, revolta-se contra Moisés e acusa Deus pelos desconfortos da caminhada; Moisés intervém e intercede junto de Deus; finalmente, Deus acaba por conceder ao Povo os bens de que este sente necessidade. Os relatos apresentam-se sempre de uma forma dramática, num crescendo de intensidade até ao desfecho final.

Provavelmente, estes relatos têm por base dificuldades concretas sentidas pelos hebreus no seu caminho pelo deserto em direção à Terra Prometida. Não é fácil sobreviver nas condições hostis do deserto. No entanto, os beduínos conheciam diversos “truques” que lhes permitiam enfrentar com êxito a sua luta diária pela existência. Um desses “truques” consistia em procurar água em rochas porosas que, quando quebradas em certo lugar, proporcionavam o acesso à água que armazenavam no seu interior. É possível que o episódio narrado no texto que a liturgia hoje nos propõe como primeira leitura nos situe neste cenário.

Seja como for, a verdade é que os teólogos de Israel recolheram essas tradições e utilizaram-nas com um objetivo catequético. Os catequistas que nos legaram estes relatos não se propuseram fazer uma reportagem factual dos acontecimentos históricos vividos ao longo do caminho percorrido pelos hebreus, mas sim fazer catequese. Percebe-se nas entrelinhas que a grande preocupação de quem compôs estes relatos é pôr o Povo de sobreaviso contra a tentação de procurar refúgio e segurança longe de Javé.

Portanto, a dado passo da sua caminhada pelo deserto, os hebreus deparam-se com a falta de água e queixam-se a Moisés. O episódio é situado em Refidim (cf. Ex 17,1), no sul da península do Sinai (cf. Nm 33,14-15). Curiosamente uma outra tradição refere um episódio muito semelhante e coloca-o a norte, nos arredores de Kadesh (cf. Nm 20,7-11). Serão dois episódios semelhantes, ligados a grupos distintos de nómadas que, em épocas diferentes, fugiram do Egito, ou tratar-se-á do mesmo episódio narrado por duas tradições diferentes? Não o sabemos. O que é evidente é que os teólogos de Israel utilizaram esta história para reafirmar o empenho de Deus em “salvar” o seu povo e em conduzi-lo em segurança da escravidão para a liberdade. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

Talvez a nota mais decisiva e interpelante, neste episódio de Massá e Meribá, seja a confirmação da fidelidade de Deus aos seus desígnios de amor e de vida, ao seu projeto de salvação. O comportamento imaturo daquele grupo de hebreus que ainda não se libertaram de uma mentalidade de escravos não fazem Deus desistir do seu projeto de salvação; as contínuas desconfianças daqueles caminhantes que parecem não saber o que querem, não desarmam a bondade, a misericórdia, o amor de Deus. É uma perspetiva reconfortante, que talvez nos ajude a olhar com mais esperança para as nossas pobres vidas, para as nossas hesitações, dúvidas e incongruências, para as nossas contradições e para os nossos passos mal dados... Se Deus não nos condena definitivamente, se Ele se conserva ao nosso lado apesar das nossas decisões estúpidas, se Ele continua a olhar para nós com amor apesar das nossas desconfianças e cobardias, se a nossa futilidade e as nossas aspirações rasteiras O não dececionam definitivamente, então não caminhamos em direção a um desastre anunciado. Deus vai connosco, assiste-nos e ampara-nos em cada passo do caminho, dá-nos uma e outra vez a oportunidade de recomeçar... Como é que isso nos faz sentir? Que implicações tem isso na nossa vida?

Quando saíram do Egito e deixaram para trás a escravidão, os hebreus sentiram-se profundamente reconhecidos ao Deus que os salvou. Mas a gratidão que sentiam evaporou-se quando tiveram de enfrentar as dificuldades do caminho: a fome, a sede, o calor, o cansaço, as ciladas dos inimigos, as decisões difíceis, os riscos da liberdade... Então, murmuraram contra Deus, duvidaram da sua bondade e do seu amor, acusaram-n'O até de ter posto em marcha um projeto de morte destinado a fazê-los perecer no deserto. Isto não nos soa familiar? Quando o caminho nos parece demasiado longo e solitário, quando tropeçamos nos obstáculos inevitáveis que a vida nos traz, quando experimentamos os nossos limites e fragilidades, quando nos sentimos cansados, desiludidos e perdidos, quando nos enganamos e optamos por valores errados, quando nos entrincheiramos atrás da nossa autossuficiência e nos damos mal, criticamos Deus, acusamo-l'O de nos abandonar, duvidamos do seu amor... Parecemos crianças mimadas que passam a vida a lamentar-se e a acusar Deus pelos “dói-dóis” que a vida nos faz. Já pensamos que muitas das coisas que nos fazem sofrer resultam das nossas escolhas erradas e não da ação de Deus? Já pensamos que muitas das dificuldades que temos de enfrentar talvez façam parte da pedagogia de Deus para nos fazer crescer, para nos ajudar a descobrir o sentido da vida, para nos renovar e transformar? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – SALMO 94 (95)

**Refrão: Se hoje ouvirdes a voz do Senhor,
não fecheis os vossos corações.**

Vinde, exultemos de alegria no Senhor,

**aclamemos a Deus nosso salvador.
Vamos à sua presença e dêmos graças,
ao som de cânticos aclamemos o Senhor.**

**Vinde, prostremo-nos em terra,
adoremos o Senhor que nos criou.
Pois Ele é o nosso Deus
e nós o seu povo, as ovelhas do seu rebanho.**

**Quem dera ouvísseis hoje a sua voz:
«Não endureçais os vossos corações,
como em Meriba, como no dia de Massa no deserto,
onde vossos pais Me tentaram e provocaram,
apesar de terem visto as minhas obras.**

LEITURA II – Romanos 5,1-2.5-8

Irmãos:

**Tendo sido justificados pela fé,
estamos em paz com Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo,
pelo qual temos acesso, na fé,
a esta graça em que permanecemos e nos gloriamos,
apoiados na esperança da glória de Deus.
Ora, a esperança não engana,
porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações
pelo Espírito Santo que nos foi dado.
Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores.
Difícilmente alguém morre por um justo;
por um homem bom,
talvez alguém tivesse a coragem de morrer.
Deus prova assim o seu amor para connosco:
Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores.**

CONTEXTO

Roma era, na altura em que o apóstolo Paulo escreve a sua carta à comunidade cristã da cidade, o centro do mundo antigo. Roma tinha, por essa altura, cerca de um milhão de habitantes, dos quais 50.000 eram judeus.

Não sabemos como foi fundada a Igreja de Roma. A tradição diz que foi o apóstolo Pedro que, de passagem pela cidade, aí teria anunciado o Evangelho de Jesus. O mais provável, contudo, é que a comunidade tenha nascido a partir do testemunho de judeo-cristãos que deixaram Jerusalém e se estabeleceram em Roma poucos anos após a morte de Jesus.

Quando escreve aos Romanos, por volta do ano 57 ou 58, Paulo está prestes a deixar Corinto, a caminho de Jerusalém, no final da sua terceira viagem missionária. O apóstolo sente que terminou a sua missão no oriente (cf. Rm 15,19-20) e quer agora levar o Evangelho a outros cantos do mundo, nomeadamente ao ocidente. Sobretudo, Paulo aproveita a ocasião para contactar a comunidade de Roma e para apresentar aos Romanos os principais problemas que o ocupavam (entre os quais avultava o problema da unidade – um problema bem atual na comunidade cristã de Roma, então afetada por alguma dificuldade de relacionamento entre judeo-cristãos e pagano-cristãos).

Paulo aproveita para dizer aos Romanos e a todos os cristãos que o Evangelho deve unir e congregar todo o crente, sem distinção de judeu, grego ou romano. Para desfazer algumas ideias de superioridade (e, sobretudo, a pretensão judaica de que a salvação se conquista pela observância da Lei de Moisés), Paulo nota que o pecado é uma realidade que atinge todos os homens, sem exceção, e que ninguém está de fora desse cenário (cf. Rm 1,18-3,20). É Deus que, na sua imensa misericórdia, “justifica” o homem pecador e lhe oferece um perdão não merecido. A salvação não vem do mérito do homem, mas sim da “justiça de Deus” que a todos dá a vida (cf. Rm 3,1-5,11).

No texto que a segunda leitura do terceiro Domingo da Quaresma nos propõe, Paulo refere-se à ação de Deus, por Jesus Cristo e pelo Espírito, no sentido de “justificar” todo o homem.*in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

Quando Deus fizer a contabilidade final dos nossos dias o que encontrará? As nossas boas obras serão em número suficiente para nos garantir a salvação? No “livro de contas” de Deus a nossa coluna dos débitos será mais extensa do que a coluna dos créditos? Deus atuará como um contabilista rigoroso que, depois de tudo somado, nos apontará, sem contemplações, aquilo que temos em falta? O apóstolo Paulo deixa-nos, na leitura de hoje, uma notícia tranquilizadora: na contabilidade final da nossa vida, a única coisa que contará será o amor de Deus. O nosso Deus é um Deus clemente e compassivo, lento para a ira e rico em misericórdia. Ele “justificar-nos-á” e emitirá sobre nós um veredicto de graça e de misericórdia, mesmo que nós não o mereçamos. A única coisa que Ele exigirá de nós é que acolhamos a sua oferta de salvação. Deus não nos condena; Deus salva-nos sempre. Basta que acolhamos o seu amor e que aceitemos o convite que Ele nos faz para integrar a sua família. Como vemos e sentimos esta “Boa Notícia”?

Então podemos viver como nos apetecer, sem medo de sermos penalizados pela “justiça” de Deus? Na realidade, aquilo que muitas vezes consideramos “castigos” pelos nossos pecados não são punições que Deus inventa para nos fazer pagar pelo mal que praticamos; são, simplesmente, as consequências naturais das nossas decisões erradas, das nossas atitudes egoístas, da má semente que semeamos, da nossa irresponsabilidade, da nossa futilidade, da nossa aposta no que é efêmero e sem sentido. Quando escolhemos caminhos sem saída, somos nós que perdemos e que nos auto-castigamos: a nossa autossuficiência isola-nos, priva-nos de estar em paz com Deus e de usufruir dos seus dons; a nossa falta de fé afunda-nos no desespero e torna-nos prisioneiros do medo e da morte; a falta de confiança no amor de Deus faz com que nos arrastemos sem rumo, perdidos e órfãos, sentindo-nos lixo abandonado na berma dos caminhos... É dessa forma que queremos viver e dar sentido à nossa vida?

O apóstolo Paulo garante-nos que o amor de Deus não é inconstante, não varia conforme os “estados de espírito” de Deus, não depende dos comportamentos inconstantes do homem. É um amor inquestionável, infalível, absolutamente inabalável. Segundo Paulo, “Deus provou assim o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores”. Deus não ama apenas os bons, os que se portam bem; ama todos os seus filhos, sem exceção. Nem a nossa insistência no pecado nos afasta do amor de Deus. É difícil entender e aceitar isto? Talvez o seja para alguns, incapazes de entender a lógica de Deus, o alcance do verdadeiro amor. Que Deus anunciamos e testemunhamos? Um deus castigador e vingativo, sempre pronto a fazer cair sobre o homem pecador as suas punições, ou um Deus terno e compassivo, misericordioso e bom, que olha para os seus queridos filhos com a compreensão e o amor de um pai ou de uma mãe? *in Dehonianos*

EVANGELHO – João 4,5-42

**Naquele tempo,
chegou Jesus a uma cidade da Samaria, chamada Sicar,
junto da propriedade que Jacob tinha dado a seu filho José,
onde estava a fonte de Jacob.**

**Jesus, cansado da caminhada, sentou-se à beira do poço.
Era por volta do meio-dia.**

Veio uma mulher da Samaria para tirar água.

Disse-lhe Jesus: «Dá-Me de beber».

Os discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos.

Respondeu-lhe a samaritana:

**«Como é que Tu, sendo judeu,
me pedes de beber, sendo eu samaritana?»**

De facto, os judeus não se dão com os samaritanos.

Disse-lhe Jesus:

**«Se conhecesses o dom de Deus
e quem é Aquele que te diz: ‘Dá-Me de beber’,
tu é que Lhe pedirias e Ele te daria água-viva».**

Respondeu-lhe a mulher:

**«Senhor, Tu nem sequer tens um balde, e o poço é fundo:
donde Te vem a água-viva?**

**Serás Tu maior do que o nosso pai Jacob,
que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu,
com os seus filhos e os seus rebanhos?»**

Disse-lhe Jesus:

**«Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede.
Mas aquele que beber da água que Eu Lhe der
nunca mais terá sede:**

a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente que jorra para a vida eterna».

«Senhor, suplicou a mulher dá-me dessa água, para que eu não sinta mais sede e não tenha de vir aqui buscá-la».

Disse-lhe Jesus:

«Vai chamar o teu marido e volta aqui».

Respondeu-lhe a mulher: «Não tenho marido».

Jesus replicou:

«Disseste bem que não tens marido, pois tiveste cinco e aquele que tens agora não é teu marido. Neste ponto falaste verdade».

Disse-lhe a mulher:

Senhor, vejo que és profeta.

Os nossos antepassados adoraram neste monte e vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar».

Disse-lhe Jesus:

«Mulher, podes acreditar em Mim:

Vai chegar a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.

Vós adorais o que não conheceis;

nós adoramos o que conhecemos,

porque a salvação vem dos judeus.

Mas vai chegar a hora – e já chegou –

em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são esses os adoradores que o Pai deseja.

Deus é espírito

e os seus adoradores devem adorá-lo em espírito e verdade».

Disse-lhe a mulher:

«Eu sei que há de vir o Messias,

isto é, Aquele que chamam Cristo.

Quando vier há de anunciar nos todas as coisas».

Respondeu-lhe Jesus:

«Sou Eu, que estou a falar contigo».

Nisto, chegaram os discípulos

e ficaram admirados por Ele estar a falar com aquela mulher, mas nenhum deles lhe perguntou:

«Que pretendes?», ou então: «Porque falas com ela?»

A mulher deixou a bilha, correu à cidade e falou a todos:

«Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz.

Não será Ele o Messias?»

Eles saíram da cidade e vieram ter com Jesus.

Entretanto, os discípulos insistiam com Ele, dizendo:

«Mestre, come».

Mas Ele respondeu-lhes:

«Eu tenho um alimento para comer que vós não conheceis».

Os discípulos perguntavam uns aos outros:

«Porventura alguém lhe trouxe de comer?»

Disse-lhes Jesus:

«O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou e realizar a sua obra.

Não dizeis vós que dentro de quatro meses chegará o tempo da colheita?

Pois bem, Eu digo-vos:

Erguei os olhos e vede os campos, que já estão loiros para a ceifa.

Já o ceifeiro recebe o salário e recolhe o fruto para a vida eterna

e, deste modo, se alegra o semeador juntamente com o ceifeiro.

Nisto se verifica o ditado:

‘um é o que semeia e outro o que ceifa’.

Eu «mandei-vos ceifar o que não trabalhastes.

Outros trabalharam e vós aproveitais-vos do seu trabalho».

**Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram em Jesus,
por causa da palavra da mulher, que testemunhava:**

«Ele disse-me tudo o que eu fiz».

**Por isso os samaritanos, quando vieram ao encontro de Jesus,
pediram-Lhe que ficasse com eles.**

E ficou lá dois dias.

Ao ouvi l'O, muitos acreditaram e diziam à mulher:

«Já não é por causa das tuas palavras que acreditamos.

Nós próprios ouvimos

e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo».

CONTEXTO

A narração do evangelista João leva-nos até junto de um poço, na cidade samaritana de Sicar. A Samaria era a região central da Palestina – uma região heterodoxa, habitada por uma raça de sangue misturado (de judeus e pagãos) e de religião sincretista.

Na época do Novo Testamento, existia uma animosidade com raízes bem antigas entre samaritanos e judeus. A divisão entre as duas comunidades começou logo após a morte de Salomão (932 a.C.), quando as tribos do Norte e do centro se recusaram a aceitar Roboão, filho de Salomão, como seu rei. O país dividiu-se: as tribos do Norte e do centro escolheram para rei um tal Jeroboão e constituíram o reino de Israel, com capital em Siquém (cf. 1Rs 12); as tribos do Sul permaneceram sob a autoridade de Roboão, filho de Salomão, constituindo o reino de Judá, com capital em Jerusalém. A partir daqui os dois grupos seguiram caminhos separados.

A situação piorou quando, em 721 a.C., o reino de Israel foi tomado pelos assírios e uma parte da população da Samaria (cerca de quatro por cento) foi deportada para a Assíria. Foi o fim do reino de Israel. Na Samaria instalaram-se, por essa altura, colonos assírios que se misturaram com a população local. Para os judeus, os habitantes da Samaria começaram, então, a paganizar-se (cf. 2Rs 17,29). Em 586 a.C. foi a vez de Judá sofrer uma derrota às mãos dos babilónios e de a maior parte da população de Jerusalém ter sido levada para o cativeiro, para a Babilónia.

A relação entre as duas comunidades deteriorou-se ainda mais quando, após o regresso dos judeus do Exílio na Babilónia (538 a.C.), estes recusaram a ajuda dos samaritanos (cf. Esd 4,1-5) para reconstruir o Templo de Jerusalém (ano 437 a.C.) e denunciaram os casamentos mistos. Tiveram, então, de enfrentar a oposição dos samaritanos na reconstrução da cidade (cf. Ne 3,33-4,17). No ano 333 a.C., um novo fator veio agravar o conflito: os samaritanos construíram um Templo no monte Garizim, um templo que pretendia fazer concorrência ao templo de Jerusalém. O Templo samaritano do monte Garizim viria a ser destruído em 128 a.C., por João Hircano.

As picardias continuaram entre os dois grupos. A mais famosa aconteceu por volta do ano 6 d.C., quando os samaritanos profanaram o Templo de Jerusalém durante a festa da Páscoa, espalhando ossos humanos nos átrios.

Na época neotestamentária era ponto assente, para os judeus, que os samaritanos eram hereges, pois tinham sangue de povos estrangeiros e praticavam uma religião sincretista, que misturava elementos da fé javista com elementos religiosos herdados de outros povos. Os samaritanos, por sua vez, desprezavam profundamente os judeus.

O poço referido na narrativa joânica era conhecido como o “poço de Jacob”. Estava situado no rico vale entre os montes Ebal e Garizim, não longe da cidade samaritana de Siquém (em aramaico, Sicara – a atual Askar). Trata-se de um poço estreito, aberto na rocha calcária, e cuja profundidade ultrapassa os 30 metros. Segundo a tradição, teria sido aberto pelo patriarca Jacob. Os dados arqueológicos revelam que o “poço de Jacob” serviu os samaritanos entre o ano 1000 a.C. e o ano 500 d.C. (embora ainda hoje se possa extrair dele água).

Na tradição religiosa de Israel, o “poço” é um elemento mítico, que parece referido em numerosos textos e evoca a presença de Deus que acompanha o seu povo ao longo da sua peregrinação pela história. Sintetiza os poços abertos pelos patriarcas e a água que Moisés fez brotar do rochedo no deserto (primeira leitura de hoje); mas, sobretudo, torna-se figura da Lei (do poço da Lei brota a água-viva que mata a sede de vida do Povo de Deus), que a tradição judaica considerava observada já pelos patriarcas, antes de ser dada ao Povo por Moisés.

O Evangelho segundo São João apresenta Jesus como o Messias, Filho de Deus, enviado pelo Pai para criar um Homem Novo. No chamado “Livro dos Sinais” (cf. Jo 4,1-11,56), o autor apresenta – recorrendo aos “sinais” da água (cf. Jo 4,1-5,47), do pão (cf. Jo 6,1-7,53), da luz (cf. Jo 8,12-9,41), do pastor (cf. Jo 10,1-42) e da vida (cf. Jo 11,1-56) – um conjunto de catequeses sobre a ação criadora do Messias.

O nosso texto é, exatamente, a primeira catequese do “Livro dos Sinais”: através do “sinal” da água, o autor vai descrever a ação criadora e vivificadora de Jesus. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

A modernidade criou-nos grandes expectativas de progresso, de emancipação individual, de realização pessoal, e prometeu-nos um futuro de liberdade e felicidade através da razão, da ciência e da tecnologia. Disse-nos que tinha na manga a resposta para todas as nossas procuras e que podia responder a todas as nossas necessidades. Garantiu-nos que a vida verdadeira estava na liberdade absoluta, numa vida vivida sem o controle de Deus; disse-nos que os avanços científicos e tecnológicos iriam tornar a nossa existência cómoda, eliminar a doença e protelar a morte; afirmou que a nossa segurança estava numa conta bancária recheada, no reconhecimento social, no êxito profissional, na adesão às indicações dos líderes de opinião, na conformação com o movimento geral das massas... No entanto, todas as nossas vitórias e conquistas não conseguem calar a nossa sede de eternidade, de plenitude, dessa “mais qualquer coisa” que nos falta para sermos, realmente, felizes e para nos sentirmos plenamente realizados. A afirmação essencial que o Evangelho de hoje faz é: só Jesus Cristo oferece a água que mata definitivamente a sede de vida e de felicidade do homem. Precisamos de escutar Jesus e de abraçar o seu projeto. O que pensamos disso? O que é que Jesus significa para nós? Ele é “a água” sem a qual não conseguimos viver? A sua proposta sacia a nossa sede de vida? O que é preciso para conseguirmos que os homens do nosso tempo aprendam a olhar para Jesus e a tomar consciência da proposta de vida plena que Ele oferece a todos?

“Se conhecesses o dom de Deus e quem é Aquele que te diz: ‘Dá-Me de beber’, tu é que Lhe pedirias e Ele te daria água-viva” – diz Jesus à mulher samaritana. A “água-viva” de que Jesus fala evoca imediatamente em nós a fonte batismal. Para cada um de nós, o dia do nosso batismo foi o começo de uma caminhada com Jesus... Nesse momento aderimos a Jesus e à vida que Ele oferece, acolhemos em nós o Espírito que transforma, que renova, que nos capacita para vivermos como “filhos de Deus” e que nos leva ao encontro da vida plena e definitiva. Depois disso, percorremos um caminho, fizemos opções, elegemos valores sobre os quais fundamentamos a nossa vida. A nossa vida tem sido verdadeiramente coerente com as opções que fizemos no dia em que recebemos o batismo? Temos procurado deixar-nos conduzir pelo Espírito? O compromisso que assumimos no dia em que fomos batizados é uma realidade que continua a marcar a nossa vida, os nossos gestos, os nossos valores, as nossas opções?

Atentemos no pormenor do “cântaro” abandonado pela samaritana, depois de se encontrar com Jesus... O “cântaro” significa e representa tudo aquilo que nos dá acesso a essas propostas limitadas, falíveis, incompletas de felicidade. O abandono do “cântaro” significa o romper com todos os esquemas de busca de felicidade egoísta, para abraçar a verdadeira e única proposta de vida plena, a proposta que nos vem de Jesus. Neste tempo de quaresma – tempo de “conversão”, de mudança, de refazer a nossa vida, de reequacionar as nossas opções, de “voltar ao encontro de Deus” – estamos dispostos a abandonar o caminho da felicidade egoísta, parcial, incompleta, e a abrir o nosso coração ao Espírito que Jesus nos oferece e que exige de nós uma vida nova?

Aquela mulher anónima da Samaria, depois de encontrar o “salvador do mundo” que veio trazer aos homens a água que mata a sede de vida eterna, não guardou para si própria essa experiência inolvidável e não se fechou em casa a gozar a sua descoberta... Correu para a cidade e partilhou com os seus concidadãos a verdade que tinha encontrado e que tinha alterado a sua visão da vida: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será Ele o Messias?”. As experiências que mudam a nossa existência e que nos abrem horizontes novos, não são para ficar confinadas nos nossos mundos pessoais. Quando nos encontramos com Jesus e descobrimos, com Ele, novos horizontes e novas possibilidades, partilhamos essa descoberta com aqueles que caminham ao nosso lado pelas estradas da vida? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

Na **primeira leitura**, deve haver um especial cuidado com as palavras de mais difícil pronúncia: «altercar», «altercação», «Massa» (deve pronunciar-se *Mássá*) e «Meriba» (deve pronunciar-se *Méribá*). Neste texto, deve ainda ter-se em atenção o texto em discurso direto, articulando bem as diferentes interrogações, que devem ser proclamadas evitando a exagerada acentuação interrogativa no final de cada frase, mas acentuando a partícula interrogativa ou a forma verbal.

A **segunda leitura** exige uma aturada preparação assinalando as pausas e as respirações, pois o texto é marcado por frases longas e com várias orações.